



PSICOLOGIA ARGUMENTO

ISSN 0103-7013
Licenciado sob uma Licença Creative Commons



doi: 10.7213/psicol.argum.34.087.AO02

Estudos sobre sentidos e significados do trabalho na psicologia: uma revisão das suas bases teórico-epistemológicas

Studies senses and meanings of work in psychology: a review of its theoretical and epistemological bases

Eliane França Pereira ^[a], Suzana da Rosa Tolfo ^[b]

^[a] Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC - Brasil, e-mail: elianefp@hotmail.com

^[b] Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Rio Grande do Sul, RS - Brasil, e-mail: srtolfo@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo tem por objetivos identificar as principais bases teórico-epistemológicas dos estudos sobre sentidos e significados do trabalho na Psicologia e estabelecer possíveis aproximações com os paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan (1979). Com base na literatura se verifica o predomínio do paradigma funcionalista, representado por autores como Hackman e Oldhan, MOW, Borges e Morin. Existem também vertentes teóricas que, em parte, estão relacionadas ao paradigma interpretativista (Morin, 2001; Dejours, 1987). A maioria das perspectivas baseia-se em pressupostos da Sociologia da Regulação. Entretanto, há abordagens mais críticas que enfatizam o papel da sociedade, condizentes com a Sociologia da Mudança Radical (Spink & Medrado, 2004; Vygotski, 2001). É possível perceber modificações no modo de compreender os sentidos e os significados do trabalho em cada momento histórico, expressas através da evolução das abordagens teórico-epistemológicas e nas mudanças dos paradigmas que orientam a sociedade, o *ethos* predominante do trabalho e a constituição da subjetividade.

Palavras-chave: sentidos e significados do trabalho, bases teórico-epistemológicas, paradigmas sociológicos, Psicologia.

Abstract

This article aims to identify the main theoretical and epistemological bases of studies about senses and meanings of work in Psychology and establish possible approaches with the sociological paradigms of Burrell and Morgan (1979). Based on the literature, we can see the predominance of the functionalist paradigm, represented by authors such as Hackman and Oldhan, MOW, Borges and Morin. There are also theoretical aspects that, in part, relate to the interpretive paradigm (Morin, 2001; Dejours, 1987). Most prospects are based on assumptions of Sociology of Regulation. However, there are more critical approaches that emphasize the role of society, consistent with the Sociology of Radical Change (Spink & Medrado, 2004; Vygotski, 2001). It is possible to perceive changes in the way of understanding the senses and meanings of work in each historical moment, expressed through the evolution of the theoretical and epistemological approaches and the changes of the paradigms that guide society, the prevailing ethos of labor and the constitution of subjectivity.

Keywords: senses and meanings of work, theoretical and epistemological bases, sociological paradigms, Psychology.

Introdução

A relação do homem com a sua atividade laboral vem sendo amplamente discutida na ciência desde que o trabalho passou a ser considerado central na vida das pessoas, seja como a categoria sociológica chave, na construção da subjetividade e identidade, ou como uma necessidade instrumental, um meio para a sobrevivência humana. Desde então, diversas áreas do conhecimento, ancoradas em suas teorias e epistememes buscam encontrar respostas para os fenômenos que circundam o mundo do trabalho, entre esses, os modos encontrados pelo homem para significar e dar sentido a sua atividade.

Os estudos sobre os significados e os sentidos do trabalho remetem a diversas abordagens, bem como às bases epistemológicas diferenciadas. Através da revisão de literatura, este artigo tem como objetivos identificar as principais vertentes teóricas sobre o tema e os seus respectivos aportes epistemológicos. Além disso, este estudo buscou estabelecer possíveis aproximações com os paradigmas sociológicos que fundamentam as teorias das organizações e que refletem os pressupostos sobre a natureza da sociedade de cada perspectiva em questão, segundo Burrell e Morgan (1979).

Para atingir o propósito deste estudo, julgou-se importante seguir um percurso metodológico que se inicia pela discussão sobre a origem e o uso indistinto dos termos sentidos e significados do trabalho, os quais são utilizados como sinônimos, como elementos diferenciados ou como partes do mesmo construto. Em seguida serão realizados alguns apontamentos conceituais e históricos considerados importantes no estudo do tema. Por fim, será abordada a evolução dos estudos sobre sentidos e significados do trabalho, em especial na Psicologia, considerando suas diferentes perspectivas e a relação com as bases teórico-epistemológicas que as ancoram à luz dos paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan (1979).

Origem e uso dos termos sentidos e significados do trabalho: uma tensão conceitual

Segundo o dicionário etimológico Harper (2013) o termo “sentido” remonta os anos 1400 d. C. e refere-se à faculdade da percepção, também concebido como significado, importância e interpretação. O termo origina-se da palavra em latim *sensus*, definida como percepção, sentimento, compromisso, significado e do verbo *sentire*, entendido como perceber, sentir, saber. Desde os anos 1560, a palavra “sentidos”, derivada de “sentido”, é definida como faculdades mentais, poderes cognitivos conscientes, sanidade e, desde 1590 é utilizada para faculdades das sensações físicas. Em comparação, o termo “significado” é datado dos anos 1300 e utilizado como sinônimo de sentido, importância e intenção. “Significado” deriva do verbo significar; sendo, portanto, precursor do termo sentido (Harper, 2013, tradução nossa).

Por meio da comparação etimológica das palavras “sentidos” e “significados” pode-se perceber que estes termos têm sido utilizados de modo indistinto desde os primórdios da história humana. Tal herança contribuiu para que, ainda na contemporaneidade, essa indiferenciação mantenha-se presente na conceituação dos fenômenos e, conseqüentemente, dificulte o uso e o entendimento destes. Em especial na Psicologia, não há consenso a respeito da utilização dos termos sentidos e significados do trabalho. Esta tensão existente no estudo do tema tem sido discutida pelos pesquisadores, mais recentemente, na tentativa de dirimir confusões conceituais, diferenciar e definir conceitos, bem como determinar qual a perspectiva adotada em seus estudos (Cavalheiro, 2010; Coutinho, Tolfo & Fernandes, 2005; Dias, 2009; Tolfo, Coutinho, Baasch & Cugnier, 2011; Tolfo, Coutinho, Baasch, Cugnier & Almeida, 2005; Tolfo & Piccinini, 2007).

Nesta revisão pode-se identificar que Borges (1998) e Grupo MOW (1978) utilizam o termo significados do trabalho. Antunes (2002), Hackman e Oldhan (1975), Morin (1996, 2001), Morin, Tonelli e Pliopas (2007) adotam o termo sentidos do trabalho. Alguns autores utilizam os termos sentidos e significados do trabalho como sinônimos ou como elementos complementares de um mesmo construto (Borges, 1998; MOW, 1987). Outros como Basso (1998), Morin (1996, 2001, 2002), Tolfo et al. (2005), entendem sentidos e significados do trabalho como constructos diferentes. Morin utiliza o termo sentidos do trabalho, mas faz uso das variáveis dos significados do Grupo MOW. Dias (2009) identificou que Bendassolli (2009), Borges (1998), Grupo MOW (1987), Morin (1996, 2001), Morin, Tonelli e Pliopas (2003) não abordam a diferenciação etimológica dos termos “sentidos” e “significados”.

Autores como Tolfo e Piccinini (2007) entendem que há uma interdependência entre ambos os fenômenos, de forma que os significados são construtos construídos coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico e social, e os sentidos são concebidos como uma produção pessoal em função da apreensão individual dos significados coletivos, a partir de experiências concretas. É importante salientar que embora, alguns teóricos utilizem diferentes termos, muitas vezes, adotam as mesmas variáveis de estudo (Tolfo et al., 2011).

Diante do conflito na utilização e conceituação dos termos, os estudos de Leontiev (1978) contribuem para compreender essas tensões teóricas. Para o autor, nas sociedades primitivas, as ações de sentido e significado se confundiam porque não havia divisão social entre o trabalho e as relações de exploração. Após o capitalismo é que surge essa ruptura da integração entre significado e sentido da ação. Nesta mesma perspectiva, Basso (1998) pontua que, nas relações de dominação, o significado e o sentido podem separar-se,

tornando as ações alienadas, dessa forma, o sentido pessoal da ação não corresponde mais ao seu significado. Esse aspecto pode explicar, em parte, porque em determinado período, sentidos e significados foram tratados como sinônimos e na contemporaneidade, os estudos demonstram a necessidade de tratar os construtos como categorias distintas (Cavalheiro, 2010; Tolfo et al., 2011; Tolfo & Piccinini, 2007).

As diferenças e lacunas encontradas nas definições destes fenômenos, identificados ora como sinônimos, ora como construtos diferentes, podem dificultar sua evolução enquanto campo de pesquisa, sendo necessária a distinção e uma melhor definição dos conceitos (Cavalheiro, 2010; Tolfo et al., 2011; Tolfo & Piccinini, 2007). Estas diferenças podem ser explicadas pelo fato de que os pesquisadores partem de bases epistemológicas diversas com diferentes métodos, o que torna a análise dos construtos como multifacetados e complexos (Tolfo et al., 2005). Acredita-se que a discussão e/ou esclarecimento das divergências e ambivalências no uso dos termos, bem como a definição dos conceitos sentidos e significados em cada perspectiva teórica e das bases epistemológicas que os ancoram, possibilitará o aprofundamento na compreensão dos fenômenos e o avanço do conhecimento na área.

Sentidos e significados do trabalho: outros apontamentos conceituais e históricos importantes

Os sentidos e os significados constituem-se em objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento. Segundo Tolfo e Piccinini (2007), os sentidos e os significados do trabalho são um constructo psicológico, considerado multidimensional e dinâmico, decorrente da interação de variáveis pessoais e sociais relacionadas ao trabalho. Como fenômenos complexos, caracterizados por várias dimensões, sejam elas pessoais, sociais e/ou organizacionais, evidentemente, necessitam de um olhar multidisciplinar. Por esse motivo, os estudos do tema são associados às reflexões de ordem filosófica, sociológica, psicológica, dentre outras. Para exemplificar essa variedade, podem-se citar as contribuições de Frankl (2005), para o qual o homem vive uma busca contínua do sentido da vida. Outros como Berger e Luckmann (2004) afirmam que o sentido se constitui na consciência humana por meio dos processos sociais. Já para Vygotski (1993) as ações adquirem múltiplos sentidos, tornam-se práticas significativas e são desenvolvidas através das relações com os outros sujeitos. As inúmeras perspectivas teóricas encontradas nos estudos demonstram a complexidade que os fenômenos em questão ensejam.

Associada à multidisciplinaridade dos sentidos e dos significados do trabalho existe uma diversidade de teorias e abordagens relacionadas ao tema, em maior ou menor grau. Nesta busca podem-se identificar quatro importantes matrizes teóricas: 1) os sentidos da vida (Berger & Luckmann, 2004; Frankl, 1963; Spink & Medrado, 2004); 2) os significados em um contexto geral (Leontiev, 1978; Vygotski, 1993); 3) os sentidos do trabalho (Antunes, 2002; Dejours, 1987; Morin, 2002) e; 4) os significados do trabalho (Blanch Ribas, 2003; Borges, 1998; MOW, 1987). Embora este artigo não tenha por objetivo se aprofundar no estudo de cada uma das matrizes teóricas encontradas, faz-se necessário pontuar sua existência. A importância dessas teorias/abordagens está na contribuição que tiveram para o desenvolvimento da temática em questão, pois juntas compõem o conjunto de abordagens que tem influenciado a maioria das pesquisas sobre o tema na atualidade.

Os estudos relacionados à temática dos sentidos e significados interessam, em especial, à Psicologia desde os primeiros experimentos que a caracterizam como ciência e campo do conhecimento. A partir do século XIX, estudiosos como Gustav Fechner, Wundt e James buscavam a compreensão da mente humana, e entre suas discussões, debatiam acerca do processo de criação dos sentidos e a necessidade do homem de dar sentido à vida. A psicologia científica, constituída através de bases epistemológicas diferentes, aborda o estudo dos sentidos através de duas grandes vertentes: a primeira vinculada ao estudo das sensações e das percepções, e a segunda, aborda o sentido da linguagem e da comunicação, como fenômeno subjetivo e repleto de significados (Namura, 2004).

De modo geral, as duas vertentes pontuadas por Namura (2004) servem de base para dividir didaticamente as abordagens psicológicas dos sentidos e significados do trabalho entre estudos sobre as sensações e percepções, de base cognitivista, e as abordagens relacionadas à linguagem, nas quais se encontram os estudos sócio-históricos e os construcionistas sociais. Estas perspectivas teóricas e suas bases epistemológicas serão melhor discutidas, a seguir, por meio da análise dos estudos sobre o tema e de sua evolução histórica, com ênfase dada à Psicologia.

Evolução dos estudos sobre sentidos e significados do trabalho

O surgimento da Escola Sociotécnica, em 1949, foi um marco importante na história dos estudos sobre sentidos e significados do trabalho através dos pesquisadores do *Tavistock Institute of Human Relations*, como Emery, Trist, Hackman e Oldhan, que acompanharam a experiência de mecanização dos processos de mineração em Durhan, na Inglaterra (Morin, Tonelli & Pliopas, 2007; Tolfo & Piccinini, 2007). Esses pesquisadores identificaram que a variedade e o conteúdo das tarefas influenciavam no desempenho, no reconhecimento e na satisfação, sinalizando assim, para a importância de aspectos subjetivos na relação do trabalhador com a sua atividade. Essa descoberta instigou alguns questionamentos à época como, por exemplo: de que modo as condições laborais influenciam no desempenho? O que o trabalho representa na vida dos operários? Ou ainda, o que surgiria mais tarde como, qual o significado desse trabalho para o trabalhador?

Desde o desenvolvimento da perspectiva sociotécnica, houve um despertar para o interesse de pesquisadores de diferentes países em compreender qual o significado do trabalho com base em pressupostos teórico-metodológicos e epistemológicos diversos (Morin, Tonelli & Pliopas, 2007). Segundo Tolfo e Piccinini (2007), os primeiros estudos sobre sentidos do trabalho foram realizados por Hackman e Oldhan (1975), buscando relacionar a qualidade de vida ao sentido do trabalho. Estes psicólogos identificaram que o trabalho que tem sentido é considerado útil, importante e legítimo para quem o executa e possui três características principais: a variedade das tarefas ou a diversidade de habilidades e competências para executá-las; a identificação com todo o processo de trabalho, de modo que o trabalhador perceba o seu significado, tenha contribuição social e autonomia no seu desenvolvimento; e ter retorno ou *feedback* sobre o desempenho nas atividades executadas.

Para Cavalheiro (2010), os estudos sobre os sentidos e significados do trabalho ampliaram-se a partir da década de 1970, estimulados principalmente, pelas transformações nos modos de produção como a intensificação do ritmo de trabalho, a exigência de maior qualificação e de desempenho dos trabalhadores, o desemprego, entre

outros fatores. O desenvolvimento de pesquisas nessa área possibilitou o aumento dos estudos sobre a importância do trabalho no conjunto da vida das pessoas, a busca pelo entendimento dos pressupostos epistemológicos de cada abordagem, e a percepção das divergências e ambivalências dos construtos estudados.

Desde 1978, os estudos do *Meaning of Work International Research Team*, conhecido popularmente como Grupo MOW, tem abordado a temática dos significados do trabalho, em uma perspectiva cognitivista. Entre 1981 e 1983, este grupo passou a se destacar na condução de pesquisas com amostras de diversos países, com o objetivo de identificar e definir variáveis que expliquem os significados atribuídos ao trabalho. No final dos anos 1980, este grupo foi responsável pela mais ampla pesquisa já realizada sobre o tema, envolvendo uma equipe internacional que coletou dados em oito países e uma amostra total de 8.749 pessoas. Seus trabalhos têm importância considerável na área, pois influenciou a maioria dos estudos sobre significados e sentidos do trabalho. Os estudos posteriores aos do MOW, em grande parte, dedicaram-se a testar partes de seu modelo ou a questioná-lo (Bendassolli, 2009).

Para os representantes do Grupo MOW (1987), o significado do trabalho é um construto psicológico multidimensional e dinâmico, resultante de variáveis pessoais e ambientais. Além disso, os significados são explicados por três variáveis: a centralidade do trabalho ou o grau de importância e valor que o trabalho tem na vida; as normas sociais do trabalho, como os deveres e os direitos dos trabalhadores e, por fim; os resultados valorizados do trabalho, definidos como os produtos que os indivíduos buscam no trabalho e as funções que cumprem para eles, assim como as necessidades que permitem satisfazer.

A centralidade definida como o grau de importância que o trabalho assume no conjunto da vida das pessoas é um componente importante na avaliação do significado do trabalho e tem destaque nos estudos do Grupo MOW (1987). Esta pode ser compreendida em termos absolutos ou relativos, ou seja, a centralidade absoluta avalia o valor que o trabalho tem na vida das pessoas e o quanto o trabalho é central para a sua autoimagem, e a centralidade relativa refere-se à importância do trabalho em relação aos outros momentos do ciclo de vida dos sujeitos. A análise desta centralidade é relevante para compreender porque muitas pessoas, mesmo que não precisassem do trabalho como forma de sustento, não deixariam de trabalhar (MOW, 1987).

Borges (1998), pesquisadora brasileira, baseia-se na perspectiva cognitivista para estudar os significados do trabalho e utiliza-se, em parte, do conceito de significado do Grupo MOW. Esta autora aprofundou a análise sobre a estrutura fatorial das crenças sobre o trabalho a partir da diferenciação entre atributos valorativos e descritivos. Os atributos valorativos referem-se a como o trabalho deve ser, às exigências sociais, à justiça no trabalho, ao esforço corporal e à desumanização, à realização pessoal e à sobrevivência pessoal e familiar. Já os atributos descritivos definem como o trabalho realmente é, o êxito e a realização pessoal, a justiça no trabalho, a sobrevivência pessoal e familiar, a independência econômica e a carga mental.

Para Borges (1998) o estudo da centralidade do trabalho também é importante, porém, ela é definida por meio de uma hierarquização de todas as esferas da vida, como família, trabalho, religião, lazer. A autora considera que a centralidade do trabalho é a categoria mais amplamente aceita pelos pesquisadores nas investigações. Em estudo subsequente com diversos cargos como assistentes sociais, enfermeiros e assistentes em administração; Borges, Tamayo e Alves-Filho (2005) identificaram que o trabalho ocupa

papel central na vida destas pessoas e, nos casos em que adquire papel secundário, encontra-se somente abaixo da família, em uma escala hierárquica de importância.

Em uma perspectiva construcionista social, os sociólogos Berger e Luckmann (2004) têm influenciado pesquisadores da Psicologia. Estes definem o sentido como um fenômeno constituído na consciência humana e produzido a partir da relação entre as experiências, ou seja, o sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências diversas, um tipo mais complexo de consciência. O sentido é projetado na forma coletiva de padrões de ações no agir social, que se transformam em categorias globais na conduta de vida. Nesta perspectiva, as instituições têm uma importante função no reprocessamento social dos sentidos, sejam elas religiosas econômicas ou políticas, pois seu papel é conservar e disponibilizar as reservas de sentido da sociedade, para direcionar o agir do indivíduo em diversas áreas de ação e indicar a conduta adequada da vida em sociedade.

Segundo Berger e Luckmann (2004), as alterações na estrutura social, em especial, as mudanças de papéis das instituições como a escola, a igreja e a família criaram uma crise de sentidos na sociedade contemporânea, decorrente do que denominam de pluralismo moderno, ou seja, a diversidade de valores que influenciam os sujeitos sociais em diferentes direções. Para os autores, este pluralismo tende a desestabilizar as autoevidências das ordens de sentido e de valor que orientam as ações e sustentam a identidade e, desse modo, ocasionaram a crise de sentidos vivenciada pela sociedade contemporânea.

Ainda na perspectiva construcionista, porém no campo da Psicologia Social brasileira, estão Spink e Medrado (2004). Para estes autores os sentidos da vida cotidiana são produzidos por meio de uma construção social, interativa, que ocorre na dinâmica das relações sociais e da linguagem em uso. O fundamento da constituição dos sentidos é a vivência subjetiva, que é a origem de todo o acervo social do conhecimento. Através dos conhecimentos adquiridos do sentido comum, as pessoas significam, compreendem e lidam com o mundo e com os fenômenos que as rodeiam. Nesta direção, Spink e Medrado (2004) abordam a questão da linguagem e do discurso. Os discursos são entendidos como práticas expressas e a linguagem é considerada a partir de regularidades. Assim, as prescrições e regras linguísticas orientam as práticas cotidianas e tendem a manter e reproduzir discursos na sociedade.

Outra contribuição significativa a respeito da temática dos sentidos do trabalho vem da Psicopatologia e da Psicodinâmica do Trabalho, que se baseia no referencial teórico da Psicanálise e da Psicossomática e tem Dejours como seu principal representante. Segundo os preceitos psicodinâmicos, o trabalho ocupa um papel fundamental como canalizador das angústias e necessidades humanas. Para Dejours (1987), o trabalho precisa fazer sentido para o próprio sujeito, para seus pares e para a sociedade. Dejours e Abdoucheli (2004) afirmam que o trabalho assume o sentido de luta pela transformação do sofrimento inevitável da angústia pela incerteza e fragilidade da vida em algo útil. Nessa perspectiva, o sentido se refere àquilo que o sujeito atribui a sua relação na vivência com o trabalho e é fortemente singularizado pela forma através da qual a situação atual de trabalho se constitui, em consonância com as experiências passadas e expectativas atuais dos sujeitos (Dejours & Abdoucheli, 2007).

Morin (1996, 2001, 2002) desenvolveu trabalhos importantes sobre os sentidos do trabalho na Psicologia, os quais têm influenciado diversas pesquisas brasileiras. Sua

perspectiva privilegia uma concepção existencialista, baseada na obra dos psiquiatras Victor Frankl (1963, 2005) e Irvin Yalom (1980). Segundo Frankl (1963, 2005), as pessoas precisam encontrar sentidos em suas vidas e nas atividades, caso contrário, mergulham em frustração e em um vazio existencial. A abordagem de Frankl foi chamada de Logoterapia, a cura através do sentido e se encontra como categoria do existencialismo e humanismo.

Os trabalhos de Morin (1996) também são influenciados pela perspectiva cognitivista, uma vez que faz uso das variáveis formuladas pelo Grupo MOW, definindo, assim, o sentido do trabalho como uma estrutura afetiva composta por três elementos: significação (representações e valor da atividade para o sujeito), orientação (inclinação para o trabalho, o que busca e o que guia a atividade) e, coerência (harmonia e equilíbrio que espera da sua relação com o trabalho). Em sua pesquisa com estudantes de administração e administradores da França e do Quebec, Morin (2001) identificou cinco motivos para atribuir sentido ao trabalho: capacidade de realizar-se e atualizar seu potencial, segurança e autonomia, relacionamentos e sentimentos de pertencimento, contribuição social e ter um sentido na vida e uma ocupação. Dessa forma, os sentidos atribuídos ao trabalho são analisados por meio de três dimensões: individual, organizacional e social (Morin, 2002).

É importante salientar que Antunes (2002), baseado em uma perspectiva sociológica, têm contribuído para as reflexões sobre sentidos do trabalho na Psicologia. Antunes aborda a centralidade e a importância do trabalho, considerando este como uma categoria sociológica chave. O autor relaciona os sentidos do trabalho com os sentidos da vida, pois para ele somente é possível um trabalho com sentido, se a vida fora do trabalho também for dotada de sentido. O trabalho é visto como o primeiro momento de realização do homem e, se for autônomo, autodeterminado e livre, será dotado de sentido, ao mesmo tempo em que possibilitará o uso autônomo do tempo livre e contribuirá para a emancipação do sujeito (Antunes, 2002).

Blanch Ribas (2003) discute os significados do trabalho, a partir de três pólos ou tipos existentes: neutro, positivo e negativo. Dessa forma, o trabalho pode ter um valor neutro na vida dos indivíduos, não representa fator positivo ou negativo, por exemplo, não é considerado tarefa nobre nem degradante. No pólo neutro, o trabalho está ligado à sua função instrumental, como meio para atingir um fim, para garantir a sobrevivência material e é condizente com a lógica de emprego e remuneração. Na visão positiva, o trabalho é percebido como missão, vocação, caminho, valor, fonte de prazer, satisfação e autorrealização, sendo estes significados predominantes na sociedade moderna industrial. Já a representação negativa refere-se ao trabalho como maldição, opressão, coerção, esforço e castigo e, reforça a ideia de que a atividade laboral é tão degradante que uma pessoa somente pode obter dignidade e cidadania se outros trabalham por ela. Tal classificação permite afirmar que o trabalho pode ocupar significados variados, e assim, também sentidos diferentes.

Há ainda a perspectiva sócio-histórica de Vygotski (1991, 1993, 2001). Esta abordagem em especial considera que o indivíduo tem uma constituição que se dá a partir do seu contexto histórico e das relações sociais que estabelece, configurando-se como território em que significados e sentidos são produzidos, veiculados, transformados e apropriados. O significado e o sentido mediam a transformação do pensamento em palavra, sendo duas categorias diferentes, mas que não podem ser compreendidas

separadamente, uma não existe sem a outra, pois fazem parte de um mesmo processo denominado de significação, que se refere ao que as coisas querem dizer ou aquilo que alguma coisa significa (Zanella, 2003).

Para Vygotski (1996) o significado aparece como sendo próprio do signo, enquanto que o sentido é produto e resultado do significado, todavia não é fixado pelo signo, sendo mais amplo do que significado. O sentido predomina sobre o significado, é um todo complexo que apresenta diversas zonas de estabilidade desiguais. O significado é apenas umas das zonas do sentido, sendo a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge, em outros contextos altera o seu sentido. O significado, porém, permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido (Vygotski, 1993). O significado, no campo semântico, corresponde às relações que a palavra pode encerrar, e no campo psicológico, é uma generalização, um conceito. O significado constitui o processo no qual o homem transforma a natureza e a si mesmo na atividade, assim, toda atividade humana é significada (Vygotski, 2001). Os significados permitem a comunicação e a socialização de nossas experiências, são conteúdos mais fixos, estáveis, compartilhados, apropriados pelos sujeitos, configurados por meio de suas próprias subjetividades. Significados são o ponto de partida para a compreensão do sujeito, a partir deles pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, as zonas de sentido (Aguilar & Ozella, 2006).

Na atualidade, a temática dos sentidos e significados do trabalho ainda é considerada pouco explorada, sendo que a maioria dos estudos está baseada nas investigações desenvolvidas pelo Grupo MOW, desde 1987, e mais recentemente, por Morin, a partir de 1996 (Tolfo & Piccinini, 2007). Por outro lado, há poucos estudos baseados na perspectiva sócio-histórica de Vygotski (1991, 1993, 2001). Embora Vygotski não discuta particularmente estes fenômenos no contexto laboral, tem uma abordagem teórico-metodológica que proporciona uma compreensão abrangente da realidade, coerente com o estudo de um fenômeno tão complexo e multifacetado como o próprio trabalho (Blanch Ribas, 2003; Salanova, Garcia & Peiró, 1996). Nessa direção, a perspectiva vygotskiana apresenta-se como uma proposta analítica interessante, pois dá um novo encaminhamento para a discussão sobre os significados e sentidos do trabalho (Bendassolli & Gondim, 2014).

As bases epistemológicas dos estudos sobre sentidos e significados do trabalho na Psicologia

Um dos objetivos desse artigo é relacionar as diferentes bases teóricas e os respectivos autores que tratam dos significados e dos sentidos do trabalho, com os paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan (1979). Os autores sistematizam os paradigmas que fundamentam as teorias das organizações em quatro quadrantes: funcionalismo, interpretativismo, humanismo radical e estruturalismo radical. Estes paradigmas fundamentam-se em visões de mundo social mutuamente exclusivas, com base nos pressupostos da Sociologia da Regulação e na Sociologia da Mudança Radical e nos aspectos objetividade e subjetividade das teorias existentes, conforme demonstra a figura 1.

Figura 1 - Paradigmas Sociológicos das Teorias das Organizações

Sociologia da Mudança Radical

Humanismo Radical	Estruturalismo Radical
Interpretativismo	Funcionalismo

Sociologia da Regulação

Fonte: Burrell & Morgan (1979, p. 21).

Segundo Burrell e Morgan (1979) a Sociologia da Regulação baseia-se nos pressupostos da regulação dos afazeres humanos e da sociedade enquanto uma unidade. Tem relação com a manutenção do status quo, a ordem, o consenso, a integração e coesão social, a solidariedade, o compromisso com a realidade presente, dentre outros aspectos. De modo geral, as teorias que se pautam na Sociologia da Regulação defendem e visam explicações para a manutenção da ordem, do equilíbrio e da estabilidade das estruturas sociais. Em contrapartida, as teorias que se baseiam na Sociologia da Mudança Radical, buscam explicações para a mudança radical, o conflito estrutural, os modos de dominação e as contradições estruturais da sociedade. Essa Sociologia objetiva a emancipação do homem e de suas potencialidades e é contrária à manutenção do status quo. O esquema de Burrell e Morgan é considerado um mapa intelectual no qual as teorias sociais podem ser localizadas de acordo com suas fontes e tradições. A grande maioria das teorias somente situam-se em um dos quadrantes, mas à medida que, tradições intelectuais se fundem, versões híbridas podem surgir (Burrell & Morgan, 1979).

Considerando os paradigmas apresentados pode-se afirmar que, inicialmente, os estudos dos sentidos do trabalho partem de uma perspectiva funcionalista representada, principalmente, por membros da Escola Sociotécnica, como Hackman e Oldhan (1975). Esses autores abordam a importância de aspectos objetivos da organização do trabalho, como a variedade das tarefas, a não alienação, a autonomia e o *feedback* da atividade e os relacionam com o desempenho e a satisfação dos trabalhadores. Esses autores descobrem indícios importantes sobre essa relação, mas ainda não propõem uma mudança radical nas organizações. Segundo Burrell e Morgan (1979), o funcionalismo é frequentemente orientado para o problema, envolvido em prover soluções práticas, em atingir a ordem, o equilíbrio e a estabilidade e os meios pelos quais estas podem ser mantidas.

Os estudos do Grupo MOW (1978) caracterizam-se, no método, pela pesquisa quantitativa, primam pela objetividade e pela investigação dos antecedentes e consequentes dos significados do trabalho. Pela influência do modelo cognitivo-comportamental, seus estudos têm uma aproximação maior com o paradigma

funcionalista. Os trabalhos de Borges (1998) tiveram a influência da perspectiva cognitivista do Grupo MOW (1978). Seus estudos basearam-se no conceito de significado do trabalho deste grupo, bem como no uso de instrumentos de pesquisa quantitativos e descritivos. Por consequência, seus trabalhos também têm uma vertente funcionalista.

Os estudos sobre sentidos do trabalho de Morin (1996, 2001, 2002) consideram importante o modo de funcionamento da gestão de pessoas, em especial, quando enumeram objetivamente os aspectos da organização, que influenciam no processo de significação do trabalho, assim seus estudos se aportam no funcionalismo. A influência do Grupo MOW em suas pesquisas também reforça sua aproximação com o paradigma funcionalista. Em contrapartida, os estudos de Morin têm uma vertente de base fenomenológica-existencialista, que considera a subjetividade e visa a explicação de como os fenômenos ocorrem a partir da consciência individual. Nessa direção, Morin têm um viés interpretativista.

A teoria de Dejours (1987) tem como base os pressupostos psicanalíticos e dessa forma está situada no quadrante do interpretativismo, pois busca entender o mundo a partir da experiência subjetiva. Nesse paradigma, assim como na psicanálise, o mundo social é um processo criado pelos próprios indivíduos envolvidos (Burrell & Morgan, 1979). O trabalho de Dejours tem uma forte influência da abordagem psicodinâmica, a qual pretende modificar as relações e os processos de trabalho nas organizações. A psicodinâmica do trabalho tem por objetivo a ruptura com a estrutura organizacional instituída, por meio de intervenções junto aos trabalhadores e seus gestores. Nessa direção, os trabalhos de Dejours também tem uma vertente que se aproxima do paradigma do humanismo radical e com a Sociologia da Mudança Radical.

A perspectiva construcionista social de Spink e Medrado (2004) também pode estar situada entre os paradigmas interpretativista e humanista radical. Uma vez que o sentido é concebido como uma produção fundamentalmente subjetiva, que se dá por meio das relações sociais e que orienta e explica o modo como as pessoas lidam com o seu mundo, há uma relação com o paradigma interpretativista. Entretanto, quando há a crítica de que a linguagem é definidora dos sentidos e que tende a manter os discursos que orientam as práticas, os modos de dominação, contradição e privação existentes na sociedade há a presença marcante do humanismo radical.

Os estudos de Vygotski (1996) fundamentam-se no marxismo e no materialismo histórico dialético para a compreensão da realidade e na construção sócio-histórica do sujeito e de sua subjetividade. Nessa direção, possui uma concepção que critica a tradição positivista e busca romper com as dicotomias indivíduo/sociedade, físico/psíquico, interno/externo e psicológico/social. Vygotski aproxima-se do quadrante do humanismo radical e do estruturalismo radical, pois ao mesmo tempo em que considera os processos subjetivos do ser, propõe rupturas com as formas tradicionais de compreender o mundo, as quais tem por base o positivismo.

O quadro 1 evidencia os principais teóricos, suas abordagens e aproximações com os paradigmas que fundamentam os estudos sobre sentidos e significados do trabalho na Psicologia.

Quadro 1 – Síntese das Principais Bases Teórico-Epistemológicas dos Sentidos e Significados do Trabalho na Psicologia

TEÓRICOS	ABORDAGENS	PARADIGMAS
Hackman & Oldhan (1975)	Sociotécnica	Funcionalismo
MOW (1987)	Cognitivista	Funcionalismo
Borges (1998)	Cognitivista	Funcionalismo
Morin (1996, 2001, 2002)	Cognitivista Fenomenológica- existencialista	Funcionalismo Interpretativismo
Dejours (1987, 1994)	Psicanalítica Psicodinâmica	Interpretativismo Humanismo radical
Spink & Medrado (2004)	Construtivista-social	Interpretativismo Humanismo radical
Vygotski (1996, 2001)	Sócio-histórica	Humanismo radical Estruturalismo radica

A partir da análise do quadro 1, é possível perceber que as bases teórico-epistemológicas de grande parte dos estudos dos significados e dos sentidos do trabalho tem influência do paradigma funcionalista, o qual é identificado em Hackman e Oldhan, Grupo MOW, Borges e Morin. Além disso, pode-se perceber alguma influência do paradigma interpretativista nos estudos de Morin e Dejours, que se aproximam também desse quadrante em virtude de seguirem bases teórico-epistemológicas de natureza mais compreensiva. Estes autores e seus pressupostos de base funcionalista e interpretativista, compactuam com os princípios da Sociologia da Regulação, que se pauta na manutenção da ordem, do equilíbrio e da estabilidade das estruturas sociais.

Em contrapartida, há perspectivas que também assumem um caráter crítico diante da realidade social, como Dejours, Spink e Medrado e Vygotski. A psicodinâmica do trabalho de Dejours, por exemplo, possui uma vertente humanista radical ao buscar a mudança das condições e relações laborais. Em especial, Spink e Medrado, bem como Vygotski compartilham dos quadrantes do humanismo radical e do estruturalismo radical. Coerentes com a Sociologia da Mudança abordam o conflito estrutural, como força impulsora da transformação social. Com base nesta análise pode-se perceber que, na Psicologia, os autores cujos pressupostos sobre sentidos e significados do trabalho têm um viés social, tendem a seguir a teoria do conflito. Essas considerações demonstram que está ocorrendo uma mudança e/ou evolução no modo de compreender os fenômenos dos sentidos e significados do trabalho através dos tempos, por meio das diversas teorias e

abordagens existentes, as quais têm sido situadas, cada vez mais, em paradigmas sociais críticos.

Considerações Finais

Sentidos e significados do trabalho são fenômenos complexos e multidisciplinares, que interessam a várias áreas do conhecimento, em especial para a Psicologia. Com base na literatura revisada se verificam que diferentes teorias, ancoradas em seus referenciais epistemológicos abordam o modo como o homem significa o seu trabalho. Historicamente, os termos sentidos e significados são utilizados como sinônimos pelos autores, outros defendem que são parte do mesmo construto. Na Psicologia é evidente a falta de consenso sobre a questão. Uma das razões para tal diversidade de olhares tem relação com as bases teórico-epistemológicas de cada perspectiva.

A indiferenciação ou a falta de consenso sobre os fenômenos sentidos e significados do trabalho é considerada uma limitação no estudo do tema. Assim concorda-se com a assertiva de Tolfo e Piccinini (2007) sobre a necessidade dos pesquisadores definirem se suas pesquisas pretendem utilizar um conceito de significado como sendo um entendimento social do que seja o trabalho ou do sentido pessoal que o sujeito adquire em sua atividade.

Por outro lado, a variedade de matrizes teórico-epistemológicas sobre sentidos e significados do trabalho contribuiu para o desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência. Estas possibilitaram a evolução histórica da construção do conhecimento na área e são as bases para a definição dos conceitos contemporâneos sobre os significados e os sentidos do trabalho. É importante conhecer esses aportes, pois são referenciais essenciais na compreensão dos fundamentos históricos e conceituais do tema e, servem de base inicial para o desenvolvimento de estudos como este.

A quantidade de vertentes encontradas nesta busca também demonstrou a riqueza do tema em questão e, ao mesmo tempo, a complexidade que o fenômeno enseja. Essas características apresentam-se como possibilidades no desenvolvimento de novas discussões que contribuam com o avanço de conhecimentos. O entendimento dos pressupostos teórico-epistemológicos de cada abordagem e a delimitação dos construtos tende a favorecer a evolução dos estudos na área. Através desta revisão, por exemplo, pode-se compreender como se deu a trajetória das pesquisas sobre sentidos e significados e a transformação teórica e epistemológica dos estudos. Estes entendimentos foram fundamentais para elucidar a mudança de paradigmas das teorias da Psicologia.

Pode-se concluir que nos primeiros estudos sobre os sentidos e significados do trabalho predominava o paradigma funcionalista, da Sociologia da Regulação ou manutenção da ordem social, representadas por autores como Hackman e Oldhan, Grupo MOW, Borges e Morin. Em menor número, os autores e suas teorias apresentam vertentes interpretativistas como Morin, Dejours e, Spink e Medrado. Há teóricos que também compartilham de uma visão mais crítica em relação à sociedade, coerente com a Sociologia da Mudança Radical, como Spink e Medrado e, Vygotski. Esses apontamentos sugerem modificações no modo de compreender os sentidos e os significados do trabalho pelas diversas abordagens e em cada momento histórico, expressas através de mudanças nos paradigmas que orientam as teorias da sociedade.

Outro aspecto importante a ser considerado é que, em grande parte, as teorias sobre sentidos e significados do trabalho na Psicologia fundamentam-se em modelos paradigmáticos híbridos ou mistos. Tal fenômeno pode ocorrer devido à multidimensionalidade dos construtos estudados, o que abre caminho para uma discussão ampliada com diversas áreas do conhecimento e, conseqüentemente, com abordagens teóricas distintas fundamentadas em seus respectivos aportes epistemológicos. A complexidade do objeto de estudo é uma característica que necessita ser observada nas pesquisas posteriores sobre a temática.

Como proposta de estudos subsequentes indica-se que novas revisões teórico-epistemológicas sejam realizadas, com foco em outros métodos de análise. Além disso, acredita-se que pesquisas com base no referencial sócio-histórico de Vygotski e seguidores possam contribuir com as discussões sobre a temática. Esta abordagem tem sido considerada uma perspectiva contemporânea na análise dos sentidos e significados do trabalho, devido a sua amplitude crítica da realidade e dos fenômenos que a cercam.

Referências

- Aguiar, W. M. J. & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: ciência e profissão*, 26(2), p. 222-245.
- Antunes, R. (2002). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 6 ed. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Basso, I. S. (1998). Significado e sentido do trabalho docente. *Caderno CEDES*, Campinas, 19(44), 19-32, abr.
- Bendassolli, P. F. (2009). *Psicologia e Trabalho: apropriações e significados*. São Paulo: Cengage Learning.
- Bendassolli, P. F. & Gondim, S. M. G. (2014). Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 131-147.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. (2004). *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Blanch Ribas, J. M. (2003). Trabajar en la modernidad industrial. In J. M. Blanch Ribas, M. J. E Tomaz & C. G Dorán. *Teoría de las relaciones laborales: fundamentos*. Barcelona: Editorial UOC.
- Borges, L. de O. (1998). Os pressupostos dos estudos do significado do trabalho na psicologia social: no caminho do existencialismo. *Vivência*, Natal, 12(2), p. 87-105, jul./dez.
- Borges, L. de O., Tamayo, A. & Alves Filho, A. (2005). Significados do trabalho entre os profissionais de saúde. In L. de O. Borges. (Org.). *Os profissionais de saúde e seu trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Burrell, G. & Morgan, G. (1979). *Sociological Paradigms and Organizational Analysis*. London: Heineman.

- Cavalheiro, G. (2010). Sentidos atribuídos ao trabalho por profissionais afastados do ambiente laboral em decorrência de depressão. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Coutinho, M. C., Tolfo, S. da R. & Fernandes, F. P. (2005). Sentidos do trabalho para ex-trabalhadores de empresas privatizadas [CD ROM] *In Anais do Fórum CRITEOS*. Porto Alegre.
- Dejours, C. (1987). *A loucura no trabalho: estudos em psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Dejours, C. & Abdoucheli, E. (1994). *Psicodinâmica do trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. & Abdoucheli, E. (2007). Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In C. Dejours & E. Abdoucheli. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Dias, M. S. de L. (2009). Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de universitários. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Frankl, V. (1963). *O sentido da vida*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1963.
- Frankl, V. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. 13 ed. São Paulo: Ideias & letras.
- Hackman, J. & Oldhan, G. (1975). Development of job diagnostic survey. *Journal of Applied Psychology*, 60(2), 159-170.
- Harper, D. (2013). *Online Etymology Dictionary*. Disponível na Internet: Retirado em 07 de set. 2013, de <http://etymonline.com/search=schala> [07 setembro 2103].
- Leontiev, A. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Morin, E. M. (1996, 27 août). La quête Du sens au travail. *Le papier a presente dedans 9e Congrès International de l'associations de Psychologie du travail de langue française*. Sherbrooke, France: Université de Sherbrooke.
- Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *RAE: Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, 14(3), 8-19, jul./set.
- Morin, E. Sentidos do trabalho. (2002). In: T. Wood Jr (Coord.). *Gestão Empresarial: o fator humano*. São Paulo: Atlas.
- Morin, E., Tonelli, M. J. & Pliopas, A. L. V. (2007). O trabalho e seus sentidos. *Psicol. Soc. Revista da ABRAPSO, SP, Edição Especial 1, 19, 47-56, 2007*.
- MOW. (1987). *The meaning of work*. London: Academic Press.
- Namura, M. R. (2004). *Por que Vygotski se centra no sentido: uma breve incursão pela história do sentido na psicologia*. Psicologia da Educação, São Paulo, 19, dez.
- Salanova, M., Garcia, F. J. & Peiró, J. M. (1996). Significado del trabajo y valores laborales. In J. M. Peiró & F. Prieto. *Tratado de Psicología del trabajo*. Volume II: Aspectos psicosociales del trabajo. Madrid: Síntesis Psicología.
- Spink, M. J. & Medrado, B. (2004). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: M. J. Spink (Org.). *Prá-*

- ticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3. ed., São Paulo: Cortez.
- Tolfo, S. da R., Coutinho, M. C., Baasch, D. & Cugnier, J. (2011). Sentidos y significados del trabajo um análisis con base em diferentes perspectivas teórico-epistemológicas em Psicologia. *Universitas Psychologica*, 10(1), 175-188.
- Tolfo, S. da R., Coutinho, M. C., Baasch, D., Cugnier, J. & Almeida, A. R. (2005). Revisando abordagens sobre sentidos e significados do trabalho na psicologia [CD ROM]. In *Anais do Fórum CRITEOS*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Tolfo, S. da R. & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicol. Soc. Revista da ABRAPSO, SP*, Edição Especial 1, 19, 38-46.
- Yalom, D. I. (1980). *Existential psychotherapy*. New York: Basic books.
- Vygotski, L. S. (1991). *Obras escogidas II: problemas de psicologia general*. Madri: Visor Distribuciones.
- Vygotski, L. S. (1993). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, L. S. (1996). O problema da consciência. In L. S. Vygotski. *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, L. S. (2001). Pensamento e Palavra. In L. S. Vygotski. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Zanella, A. V. (2003). Reflexões sobre a atuação do (a) psicólogo (a) em contextos de escolarização formal. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 23(3), 68-75.

Recebido / Received: 22/02/2016

Aprovado / Approved: 13/12/2016